

CONTO FANTÁSTICO 8º e 9º ano do Ensino Fundamental II

Tema: Leituras de mundo - lendo a si e ao outro.

O conto fantástico.

Seres humanos comuns ficam transtornados diante de fatos estranhos e, a princípio, incompreensíveis, como feitiçarias e metamorfoses; partes do corpo que passam a ter vida própria; aparição de fantasmas, vampiros, monstros, lobisomens, seres invisíveis, mortos-vivos e outros elementos sobrenaturais; ou ainda situações assustadoras oriundas de pesadelos, alucinações e psicoses. Em meio a esses acontecimentos obscuros e inesperados, o leitor, perplexo, questiona-se: **trata-se de ficção ou realidade?** Cria-se, assim, um clima de suspense e dúvida que envolve o leitor, e este é desafiado a encontrar a sua própria explicação para o que está observando. Esse contexto temático é comum no gênero textual denominado **conto fantástico**.

O conto fantástico consiste num gênero textual narrativo de cunho literário que alia o fantástico e o real; liga-se à ficção e à realidade. Nesse gênero, os eventos inusitados, estranhos, incomuns ou aparentemente sobrenaturais surpreendem o leitor, pois o texto faz com que o indivíduo mantenha a noção da realidade presente em todos os momentos.

Portanto, a **hesitação do leitor** constitui a primeira condição para a concretização do gênero. Perante os fatos narrados e o mundo das personagens, o **interlocutor oscila entre a explicação natural e a sobrenatural dos acontecimentos**. Conforme Todorov, **“o fantástico dura apenas o tempo de uma hesitação: hesitação comum ao leitor e à personagem, que devem decidir se o que percebem depende ou não da 'realidade', tal qual existe na opinião comum”** (1975, p. 47).

A hesitação

A hesitação é o elemento central de um conto fantástico. Ela é a responsável por conduzir o leitor e o personagem do conto para um momento cujas certezas passam a ser questionadas por elementos de outra ordem, como a do sobrenatural. Para atingir esse efeito, frases que exprimem incerteza e se valem de verbos no pretérito imperfeito podem auxiliar a criar tal sensação.

Os momentos de oscilação também podem ser reforçados por indagações que o narrador faz a si mesmo, uma vez que tal recurso confirma a incerteza deste em relação aos eventos ocorridos.

A escolha do narrador é um elemento crucial, é importante lembrar que a presença de um narrador em primeira pessoa reforça a ideia de ambiguidade, pois ele testemunha os fatos, mas as coisas que lhe sucedem são de tal forma estranhas que ele duvida de que elas possam ser verdadeiras. Tal escolha faz com que o leitor também tenha dúvidas, ou seja, hesite sobre a veracidade dos fatos.

A ambientação

A *descrição* dos cenários feita pelo autor e a escolha do vocabulário são bastante importantes na criação da sensação de ambiguidade, veja o fragmento abaixo de *A queda da casa Usher*.

“Era, de fato, muito antigo. E o tempo desbotara tudo. Muitas plantas pequenas cresciam no telhado, descendo pelos beirais. Isso, porém, não significava estrago na construção. Pelo contrário, esta se encontrava intacta. Nada desmoronando. Mas parecia haver uma violenta contradição entre o ajuste perfeito das pedras e seu estado de esfarinhamento, de fragmentação isoladamente. Dava mesmo a impressão de uma estrutura apodrecida durante longos anos, mas que o contato com o ar exterior a fizera manter-se de pé.” (POE, 2005. p. 76)

“Desbotara”, “desmoronando”, “esfarinhamento”, “fragmentação” e “apodrecida”, termos usados na caracterização da casa, vão se sobrepondo e construindo um cenário de “ruínas”, bastante apropriado para uma história que visa a hesitação.

Isto posto, fazemos aqui uma proposta para vocês, estudantes do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental II: produzir um conto fantástico relacionado à temática de nosso concurso de escrita: *Leituras de mundo - lendo a si e o outro*.

Espera-se que a sua produção envolva algum elemento que remeta à leitura, você pode, por exemplo, criar um personagem que represente um leitor, trabalhar com a ideia de uma história dentro da história, trazer o seu leitor para dentro da história, ou seja, explore a sua criatividade. O seu texto não deverá ultrapassar o limite de 8.400 caracteres, incluindo espaço.

Abaixo, você encontrará a grade avaliativa em que os critérios que serão observados em seu texto são apresentados, bem como um texto para inspiração.

Bom trabalho e boa sorte!

Equipe de Língua Portuguesa do Colégio Oswald de Andrade

Critérios avaliativos

No que se refere à avaliação, a comissão julgadora considerará os seguintes aspectos.

Descritores para a avaliação do conto fantástico		
Critérios	Pontuação	Descritores
Pertinência ao tema	1,0	O texto se reporta à proposta apresentada e dialoga com a temática do concurso?
Adequação ao gênero	2,0	Adequação discursiva <ul style="list-style-type: none">O conto produzido contém elementos típicos do gênero fantástico (hesitação, tensão entre o natural e o sobrenatural)?
	3,0	Adequação linguística <ul style="list-style-type: none">O texto apresenta a estrutura do conto: apresentação, complicação, desenvolvimento, clímax e desfecho?O conto apresenta ações que envolvem personagens, espaço, tempo e conflito?O texto é coeso? Os elementos de articulação são adequadamente utilizados?
Marcas de autoria	3,0	<ul style="list-style-type: none">O título é pertinente em relação ao gênero e ao tema?O título instiga a leitura do texto?O autor usou recursos adequados para prender a atenção do leitor?
Aspectos gerais de gramática e ortografia	1,0	<ul style="list-style-type: none">O texto atende às convenções da escrita (morfossintaxe, ortografia, acentuação e pontuação)?Quando há rompimento das convenções da escrita, isso ocorre a serviço da construção de sentido do texto?

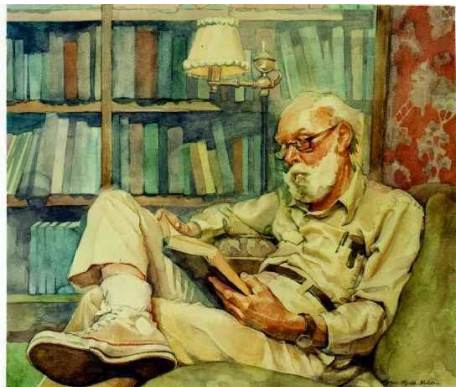
Referências:

RODRIGUES, E. *O que é conto fantástico?* - Ficha de introdução ao gênero para o 8º ano do Colégio Oswald de Andrade.

TODOROV, T. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

Continuidade dos parques, de Julio Cortázar.

Havia começado a ler o romance uns dias antes. Abandonou-o por negócios urgentes, voltou a abri-lo quando regressava de trem à chácara; deixava interessar-se lentamente pela trama, pelo desenho dos personagens. Essa tarde, depois de escrever uma carta ao caseiro e discutir com o mordomo uma questão de uns aluguéis, voltou ao livro com a tranquilidade do gabinete que dava para o



parque dos carvalhos. Esticado na poltrona favorita, de costas para a porta que o teria incomodado como uma irritante possibilidade de intrusões, deixou que sua mão esquerda acariciasse uma e outra vez o veludo verde e começou a ler os últimos capítulos. Sua memória retinha sem esforço os nomes e as imagens dos protagonistas; a ilusão

romanesca ganhou-o quase imediatamente. Gozava do prazer quase perverso de ir descolando-se linha a linha daquilo que o rodeava e de sentir ao mesmo tempo que sua cabeça descansava comodamente no veludo do alto encosto, que os cigarros continuavam ao alcance da mão, que mais além das janelas dançava o ar do entardecer sob os carvalhos. Palavra a palavra, absorvido pela sórdida disjuntiva dos heróis, deixando-se ir até as imagens que se combinavam e adquiriam cor e movimento, foi testemunha do último encontro na cabana do monte.

Antes entrava a mulher, receosa; agora chegava o amante, com a cara machucada pela chicotada de um galho. Admiravelmente ela fazia estalar o sangue com seus beijos, mas ele recusava as carícias, não tinha vindo para repetir as cerimônias de uma paixão secreta, protegida por um mundo de folhas secas e caminhos furtivos. O punhal se amornava contra seu peito e por baixo gritava a liberdade refugiada. Um diálogo desejante corria pelas páginas como riacho de serpentes e sentia-se que tudo estava decidido desde sempre. Até essas carícias que enredavam o corpo do amante como que querendo retê-lo e dissuadi-lo desenhavam abominavelmente a figura de outro corpo que era necessário destruir. Nada havia sido esquecido: álibis, acasos, possíveis erros. A partir dessa hora cada instante tinha seu emprego minuciosamente atribuído. O duplo repasso sem dó nem piedade interrompia-se apenas para que uma mão acariciasse uma bochecha. Começava a anoitecer.

Já sem se olharem, atados rigidamente à tarefa que os esperava, separaram-se na porta da cabana. Ela devia continuar pelo caminho que ia ao norte. Da direção oposta ele virou um instante para vê-la correr com o cabelo solto. Correu, por sua vez, apoiando-se nas árvores e nas cercas, até distinguir na bruma do crepúsculo a alameda que levava à casa. Os cachorros não deviam latir e não latiram. O mordomo não estaria a essa hora, e não estava. Subiu os três degraus da varanda e entrou. Do sangue galopando nos seus ouvidos chegavam-lhe as palavras da mulher: primeiro uma sala azul, depois uma galeria, uma escada carpetada. No alto, duas portas. Ninguém no primeiro quarto, ninguém no segundo. A porta do salão, e depois o punhal na mão, a luz das janelas, o alto encosto de uma poltrona de veludo verde, a cabeça do homem na poltrona lendo um romance.

CORTÁZAR, J.F. Final del Juego. Buenos Aires: Sudamericana, 1974.